

VERDADES

Não conheço o sr. Protásio Vargas, mas estou impressionado com a honestidade e a serenidade com que ele interpretou, em entrevista ao venerando "Correio do Povo" de Porto Alegre, os fatos que resultaram no fim dramático do governo de seu irmão. O que ele diz é apenas a verdade, e não traz nada de novo a qualquer observador judicioso da crise do mês de agosto; ainda assim é admirável que ele o diga, estando sob o impacto emocional da morte de seu irmão.

O sr. Protásio Vargas referiu-se aos últimos escândalos do último governo Vargas, "que foram saturando a opinião pública, inclusive no âmbito das Forças Armadas". Esses escândalos culminaram no atentado praticado pela guarda pessoal do presidente e "a ação das Forças Armadas nesses dolorosos acontecimentos foi antes efeito das causas apontadas do que fonte e origem da trágica ocorrência histórica".

Assim falou o sr. Protásio, e assim foi. Acrescentemos que o suicídio do sr. Getúlio Vargas, lamentável sob todos os pontos de vista, pode operar muitos milagres eleitorais para uma politicagem esparta, mas não pode alterar a verdade que, sendo de ontem, já é histórica: os descabros de seu governo haviam chegado a um ponto em que a única solução viável era a sua saída. Não faremos ao presidente morto a injúria, que não lhe fizemos em vida, de supor que ele estivesse a par dos crimes e falcatruas praticados pela gente do Palácio — ou melhor por certa gente do Palácio.

Dois dias depois da morte do major Ruben o dr. Lutherio Vargas dava uma entrevista em que se defendia das insinuações feitas em torno de seu nome, e afirmava que seu pai lhe dissera isso: o autor do atentado era o seu inimigo número um. Creio que foi o sr. Gustavo Capanema quem disse, também depois de conversar com o sr. Getúlio Vargas, que o presidente tinha sido alvejado pelas costas. Não foram, portanto, os adversários do sr. Getúlio Vargas que o apertaram do governo e o levaram ao gesto desesperado: foi sua própria gente. Seu mal não foi não ter prestado atenção, antes, às denúncias que se sucediam sobre crimes e furtos praticados por essa gente. Os escândalos do Banco do Brasil e da CEXIM ficaram impunes; as negociatas da CIREI, em que se apontava a interferência de Gregório, também. Estamos certos de que não foram apenas os homens da oposição, mas também pessoas honestas ligadas ao governo que advertiram mais de uma vez o sr. Vargas da gravidade dessas acusações. O fato é que o sr. Vargas nada fez para coibir esses inomináveis abusos. O quadro do período final de seu governo era apenas este: inflação e imoralidade. Ou por indiferença ou por orgulho, ou por impotência diante das tramas urdidas em Palácio, o sr. Vargas sempre cruzou os braços. Irritava-se, naturalmente, com a enorme perda de prestígio que não podia deixar de sentir, por mais que os áulicos procurassem disfarçar. Mas não agia. Quando quis agir, ou deixar agir, era tarde demais: a estupidez de seus capangas criara o irremediável; perdera-se, numa enxurrada de sangue e lama, a própria dignidade de seu cargo.

Gregório era um superministro; Climério e Soares eram agentes categorizados do PTB; todos os assassinos e ladrões profissionais tinham empregos públicos ou, pelo menos, licença para portar armas... Um governo assim não se podia salvar. E não foram, certamente, seus adversários que o perderam.

16/19/54

R. B.

150